

Nesse primeiro número da *DIAPHONÍA* em 2023, a Revista entrevista o Professor Doutor João Antônio Ferrer Guimarães do Colegiado de Filosofia da UNIOESTE. O periódico, desde já, agradece o aceite do convite pela participação especial nessa edição.

D [*DIAPHONÍA*]

JAFG [João Antônio Ferrer Guimarães]

D – O professor poderia reconstituir um pouco sobre sua biografia, formação e o que motivou o interesse pela área da Filosofia?

JAFG – Nasci em São Paulo, capital, mas minha família mudou para Santa Maria, Rio Grande do Sul, quando tinha pouco mais de 1 ano de idade. Meu pai foi funcionário do Banco do Brasil e minha mãe era professora de artes no ensino médio. Minha formação foi toda em escola pública e, entre idas e vindas – desde de pequeno meu interesse era cursar química na universidade –, acabei ingressando na UFSM, no curso de filosofia, em 1983.

Lia muito na adolescência e, por conta disso, acabei fazendo parte de um grupo grande de amigos que se reuniam todos os finais de semana em bares da cidade onde, entre uma cerveja e outra, discutíamos sobre livros, cinema, política, etc. Desse convívio, surgiu o interesse por teatro. Participei, sempre na área técnica (iluminação, sonorização, assistente de direção), de vários grupos sendo o mais importante o Grupo Porão de Teatro de Santa Maria; neste grupo, em meados da década de setenta, conheci o professor Edson Andrade que viria ser colega aqui na Unioeste. Um de meus escritores favoritos era Jean-Paul Sartre, do qual li toda a obra literária incluindo todas as peças de teatro. Com isso, acabei naturalmente me aproximando de sua obra filosófica. Foi o primeiro filósofo que li, bem antes de ingressar no curso. Depois do fim do grupo Porão, formamos, no início da década de oitenta, um grupo de estudos de teatro com a participação do professor Edson, que já fazia graduação em filosofia. A partir daí, o interesse cresceu e comecei a pesquisar outros autores culminando na leitura, em 1982, dos livros “A ideologia da sociedade industrial” de Herbert Marcuse e “O Mito de Sísifo” de Albert Camus. Estas leituras foram decisivas para minha escolha.

Após a graduação, passei a dar aulas na UNIVALE em Cachoeira do Sul, RS, até 1993. Em 1994, como professor colaborador, dei aula no curso de Filosofia no qual fui formado, na UFSM. Em 1996, fui aprovado em concurso público e ingressei no quadro de professores do curso de filosofia da UNIOESTE aqui em Toledo.

Após o período de estágio probatório, iniciei minha qualificação. Primeiro o mestrado, cursado no programa de pós graduação da UFSC, Florianópolis, SC, no

início dos anos 2000. Após, cursei o doutorado na UFSCar em São Carlos, SP, concluindo o doutorado em fevereiro de 2012.

D – Acerca, agora, de sua trajetória de pesquisa iniciada com a obra de Descartes, mais precisamente. Quais as motivações que o levaram trabalhar tal autor no contexto mais amplo da filosofia moderna?

JAFG – A graduação na UFSM, no início dos anos 80, apresentava uma forte tendência voltada ao estudo da História da Filosofia. No início, a influência maior, pelo perfil da maioria de nossos professores, era direcionada para o estudo de autores da Filosofia Contemporânea que envolvia também autores do século XIX pós hegelianos. Quando passei a estudar o pensamento de Kant, as questões levantadas pelos pensadores modernos passaram a me interessar mais, principalmente questões levantadas pela Metafísica que me pareceram um avanço em relação à Metafísica da tradição aristotélica, embora ainda fosse apenas uma impressão superficial. Confesso que, num primeiro momento, Descartes não me pareceu nem um pouco atraente; acredito que a falta de leitura e compreensão de seus escritos tenha causado essa impressão de afastamento inicial. Com o tempo, e com o aprofundamento das leituras, bem como das discussões com os colegas, sempre muito estimulantes, minha opinião foi mudando. Na medida que mais compreendia as nuances de seu pensamento, mais interessante sua filosofia me parecia. Na sequência, consegui uma bolsa de pesquisa da FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul) para estudar especificamente o texto das “Meditações Metafísicas”. Esta bolsa foi fundamental, pois os trabalhos desenvolvidos a partir dela formaram a base de minha pesquisa de Mestrado.

Outro motivo que me levou a estudar o pensamento moderno foi meu interesse pela História da Ciência, principalmente o desenvolvimento da astronomia a partir dos trabalhos de Copérnico, Kepler e Galileu. Também fui influenciado, por intermédio de minha mãe, pela História da Arte do final do renascimento e do início do século XVII que, com o tempo fui percebendo, manifestava em suas obras muito da filosofia e ciência do período.

Enfim, foram muitos fatores que influenciaram e que me levaram quase que naturalmente para o estudo de autores deste período.

D – O professor também nutre um interesse particular pela literatura e pelo cinema. Poderia falar um pouco sobre tais interesses? Quais outros projetos teóricos tem em vista?

JAFG – A leitura sempre fez parte de meus interesses. Uma tia, que era bibliotecária numa cidade do interior do RS perto de Santa Maria, foi grande incentivadora em minhas primeiras leituras emprestando livros sempre que nos encontrávamos. Na

adolescência, acabei naturalmente me aproximando de pessoas com os mesmos interesses o que foi de grande incentivo para buscar conhecer com mais profundidade a literatura brasileira e internacional.

O cinema também sempre fez parte de minha vida. Tínhamos, em Santa Maria, dois cinemas grandes com programação bastante variada. Desde os sete anos frequentei as famosas “matinês” de domingo à tarde; em dias especiais, eram bastante concorridas as “seções duplas”. Durante a década de 70, com muita dificuldade, pois vivíamos o auge da ditadura, buscávamos nos informar de todas as formas possíveis sobre os títulos que não conseguíamos assistir por conta da censura, sonhando um dia poder ver o que conhecíamos apenas por resenhas críticas. A partir do início dos anos 80, com a revogação da censura sobre a maioria das obras, houve uma corrida das distribuidoras para trazer tudo o que tinha sido represado por pelo menos uma década. Foi um período efervescente de muitas mostras, retrospectivas, semanas de programações especiais e intermináveis discussões. No mesmo período, a Cooperativa dos estudantes de Santa Maria (CESMA) vinha com força com o “Cine Clube Lanterna Aurélio”, através do qual tive acesso a grande parte dos clássicos e que me fez iniciar os estudos sobre cinema. Também participei auxiliando nas projeções (eram utilizados dois projetores de 16mm na época).

Na graduação, no mesmo período, tivemos aulas com o professor Christian Hamm que, na época, estava muito ligado ao Centro Cultural Alemão e, como cinéfilo, conseguia trazer todas as mostras de cinema alemão que eram apresentadas no centro do país. Entre 1983 e 1985, assisti cerca de 250 filmes cobrindo praticamente toda as fases do cinema alemão desde seus primórdios. A Aliança Francesa, embora mais esporadicamente, também brindava os cinéfilos de Santa Maria com mostra de grandes expoentes do cinema francês. Trouxe toda essa experiência para a UNIOESTE. Através de projeto de extensão, passei longos anos apresentando sessões de filmes comentados. Também investimos no festival de curtas, de caráter internacional, que foi bastante concorrido tendo várias edições.

Seria muito bom retomar o projeto de extensão sobre cinema e, em função disso, já conversei com colegas sobre o assunto. Temos agora mais espaço para projeções, bem como mais pessoas desenvolvendo projetos que transitam por várias áreas da cultura e filosofia. Provavelmente teremos novidades para este ano; quem sabe filmes comentados acompanhados de debates.

D – O professor atua, na UNIOESTE, há quase três décadas. Que significado histórico-pessoal e acadêmico essa vivência lhe proporcionou?

JAFG – Praticamente toda minha vida profissional se desenrolou aqui na UNIOESTE. Embora já tivesse experiência anterior de regência, a verdadeira compreensão do sentido de ser professor adquiri através destes anos de trabalho

neste colegiado. O convívio com um grupo grande de professores foi importantíssimo para a continuação de minha formação filosófica e intelectual; alguns, amigos de longa data, Portela, Atílio, Edson, fizeram parte de meu crescimento intelectual desde a graduação na UFSM, outros, que conheci aqui em Toledo, aprendi a respeitar e se tornaram grandes amigos ao longo dos anos. O Simpósio de Filosofia foi o grande impulsionador para o crescimento do departamento e, com toda certeza, para o aprimoramento da formação de muitos de nós. Comigo não foi diferente; sem sair de Toledo, tive contato com um grande número de pesquisadores que compartilhavam meus questionamentos e projetos. Foi através do Simpósio que conheci o professor Luiz Roberto Monzani que, em 2006, leu minha dissertação de mestrado durante o Simpósio e se dispôs a me orientar no doutorado na UFSCar. Para mim, portanto, a vivência neste colegiado foi, e continua sendo a base fundamental de meu crescimento tanto pessoal, intelectual quanto acadêmico.

D – Qual sua posição relativa à disciplina de Filosofia no ensino médio em face da atual conjuntura nacional? Quais as implicações do ponto de vista das políticas públicas?

JAFG – Desde a graduação, iniciada nos anos finais da ditadura militar, discutir a reintrodução da disciplina de filosofia no ensino médio era uma constante nas preocupações de todos. Não só por ampliar o mercado de trabalho, mas muito mais pela relevância dos temas que, assim entendíamos, a filosofia abordava. Ao longo dos anos, estes temas foram se ampliando e sua premência foi se intensificando, mas a base – proporcionar uma reflexão mais profunda sobre a realidade vivida – se manteve sempre atual. Como todos sabem, não foi fácil a volta da filosofia como disciplina e, mesmo voltando aos currículos do ensino médio, esta volta não se deu como todos esperavam. Soma-se a isto o fato de existir, na atual conjuntura, um fortíssimo movimento, tanto no meio político quanto na sociedade em geral, visando restringir o espaço das chamadas humanidades. Como reverter isso é a grande questão. Não sei se a implementação do Novo Ensino Médio pode ser um caminho, não conheço a fundo o assunto. No entanto, acredito que se quisermos que o Novo Ensino Médio tenha êxito, devemos focar na qualidade de sua implementação. Para isso, são fundamentais políticas públicas que visem o diálogo e a integração das várias instâncias de gestão; municípios, Estados e governo federal devem trabalhar em sintonia. A nova gestão federal é um sopro de esperança – voltamos de fato a ter um MEC –, mas sozinha não creio que consiga o avanço que desejamos. Em educação, as soluções para os problemas não se concretizam a curto prazo, mas vamos torcer para que esse seja o início do caminho e que as Humanidades e a Filosofia em especial, tenham sua importância reconhecida.

Não é desconhecido de ninguém que a filosofia nunca gozou de prestígio no sentido de ter muita demanda. Em geral, cursos de filosofia não são os mais concorridos e, especialmente em momentos como os que vivemos, esta realidade mais se acentua. É fundamental, além do que enfatizei acima, que tenhamos também políticas públicas na área da Educação Superior que enfatizem a importância da reflexão, do desenvolvimento de um pensamento mais autônomo sobre a natureza e a realidade. Penso que a sincronia entre as políticas direcionadas ao Ensino Médio e ao Ensino Superior possa, enfim, aumentar o interesse pelo curso. Nosso colegiado tem feito um grande esforço para preencher nossas vagas ociosas; espero que a nova gestão do MEC crie condições para tornar este trabalho mais exitoso. Não será fácil, mas já é um começo.

D – Qual a sua perspectiva para a Filosofia no país? Que desafios a área tem pela frente em meio a tantos ataques na seara, como um todo, das Humanidades?

JAFG – Estamos vivenciando uma quadra da vida nacional especialmente difícil. Um país dividido no qual uma parte da população abraçou a irracionalidade como arma e argumento. O ataque ao pensamento e às Humanidades no Brasil, especialmente nos últimos quatro anos, tornou mais tangível para nós o significado da ascensão da extrema direita neofascista, movimento que já vinha crescendo ao longo das últimas décadas no mundo. Frente a esta realidade, o papel da Filosofia se apresenta mais desafiador e urgente. Especificamente sobre nossa realidade, não creio que se possa trazer de volta à razão estes que hoje destilam sua irracionalidade e ódio com palavras e atos; sou cético quanto a isso. A Educação, no entanto, é o caminho para não permitir que o vazio de reflexão se espalhe.

A Filosofia no Brasil tem-se mostrado bastante produtiva e atuante no debate dos grandes temas atuais. Nosso colegiado é um exemplo; a produtividade dos colegas, a pluralidade de temas estudados e debatidos, bem como a publicidade e diversidade que nos é oferecida pelo Simpósio, tem resultado em respeito da comunidade local e internacional. Acredito que os desafios aumentaram significativamente, mas a capacidade de reflexão e debate que resultam em produção de alta qualidade também.

A mudança de mentalidade não é conquistada no curto prazo, mas creio que ela é possível, desde que o processo seja integrado, como afirmei mais acima. O envolvimento de todas as instâncias é fundamental. Capacidade teórica e prática nossos profissionais tem demonstrado há bastante tempo. É preciso agora termos políticas efetivas que melhorem as condições para que estes debates sejam feitos e tornem-se parte do nosso cotidiano. Temos as ferramentas humanas e tecnológicas para isso e agora temos uma perspectiva de governo que pode facilitar o debate. É trabalhar para que nossas expectativas se realizem.

A Revista Diaphonía agradece ao aceite do convite do entrevistado João Antônio Ferrer Guimarães, e também à sua participação conosco nessa primeira edição inédita de 2023.